



O «mistério do corpo falante»

Il «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

Apresentação do tema

«O homem é uma doença mortal do animal.»
Kojève, *Introdução à leitura de Hegel*

O mistério do corpo falante: a expressão, extraída do seminário *Mais ainda*, é própria à veia de Lacan; ela projeta o brilho de seu cristal lingüístico muito aquém dela mesma para ricochetear muito mais além.

Aquém é, antes de tudo, o orbe de uma cultura que produziu “o mistério da encarnação” e do verbo que “se fez carne”, mas é, também, o aquém de seu próprio ensino, redutor de mistério por excelência. Uma vez reconhecida a operatividade da fala, ele soube fazê-la bascular do campo religioso para o da estrutura de linguagem: ali, onde o «isso fala» do inconsciente pode dar uma resposta que não seja inefável. Qual melhor lugar do que a bela cidade papal de Roma para recolocá-la na berlinda?

Mais além, o que se destaca não é um ressaltado dessa tese tornada já clássica, mas um novo passo de saber em direção, paradoxalmente, de um mistério bem ateu que arranca a palavra de sua dimensão religiosa.

Pois o que a expressão anuncia seria antes uma bem singular... biologia, que diz respeito a um outro real que àquele que ocupa as ciências da vida – um real que, entretanto, não se impõe menos à experiência e que somente a psicanálise permite abordar.

Se mistério há, não é o da palavra que se fez carne, mas o da carne que fala. Báscula, portanto. Certamente, ela não o faria se não tivesse tomado voz do inconsciente, como sublinha Lacan em «O Aturdido»¹. Nesse sentido, seus enigmas não são simplesmente os da vida, mas dessa propriedade do vivo que se chama gozo e que se distingue da questão das homeostases do organismo, que o biólogo ignora na maior parte, apesar dos estudos sobre a dor, e do qual o psicanalista faz seu objeto respeito aos falantes.

Da “biologia freudiana”, como Lacan a nomeou, seria possível imaginar que, com seu vocabulário da vida e da morte, ela vai mais ainda ao encontro das preocupações da ciência biológica, hoje em dia tão triunfante, conforme a famosa fórmula de Bichat. É esse, porém, o erro que Lacan tentou denunciar qualificando-a de... freudiana.

Nem *Eros* nem *Tânatos* são dados da experiência, Freud mesmo o formulou assim; suas pulsões de vida e de morte são rebentos do campo livre deixado ao pensamento analítico quando se confronta com os enigmas, estes, muito bem experimentados, da repetição com o que ela comporta, ao mesmo tempo, de entropia e de insistência do gozo.

¹ Jacques Lacan, «O Aturdido», in *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 463. Ed. Fr. J. Lacan, «L'étourdit», *Scilicet* 4, Seuil, 1972, p. 20.

Eu digo pensamento, Lacan em 1964 diz “mitologia”, a propósito da teoria das pulsões, e ele acrescentou que elas não remetem ao irreal, pois «é o real que elas mitificam, o ordinário dos mitos»² – subentendido, na falta de alcançá-lo pelas vias da linguagem. Esse termo mitologia era, creio, uma maneira de elevar em um grau a dignidade epistêmica da quimera [*rêverie*] freudiana. Provavelmente na época de *Mais ainda* ele teria dito antes “elucubração” a fim de marcar a manutenção da distância do real impensável, essa distância que o termo mistério inscreve justamente na expressão «mistério do corpo falante». Em todo caso, seja mitologia ou elucubração, isso deveria prevenir a aplicação sem mediação da dita pulsão de morte freudiana, aporia conceitual de fato, às constatações imediatas da clínica e, sobretudo, evitar confundi-la com a simples disposição à agressão, seja ela dirigida contra o outro ou contra si.

Curiosamente, Lacan –mais do que Freud– multiplicou as referências diretas ao registro efetivamente biológico, digamos, aos enigmas da vida, *Zoé*, longe de negligenciá-los em nome do simbólico ou de confundi-los com *Bios*. Sobre três pontos essencialmente: nascimento, mortalidade e sexo. Em primeiro lugar, a «prematuração do nascimento» da qual ele faz a condição real, isto é, vital da abertura para a linguagem. E depois, a morte individual nas espécies que se reproduzem pelas vias do sexo e que lhe parece redobrar, do lado biológico, a perda oriunda da linguagem. Enfim, óbvio, a «bissexualidade biológica»³, macho/fêmea, bem acentuada por Freud, mas que não faz o homem nem a mulher. Ela impõe ao discurso produzir nos falantes “duas metades”, como diz «O Aturdito»⁴, homólogo à *sex ratio* que subtende a reprodução da vida – sob reserva do que a ciência nos promete hoje em matéria de reprodução.

A expressão «mistério do corpo falante» está, contudo, em outro nível, o que deveria surpreender aí em relação ao que precede das teses lacanianas, é «mistério» mais do que “corpo falante”. Mais ainda porque a frase inteira reforça a ênfase: «O real, eu diria [...] é o mistério do inconsciente»⁵. Eis o inconsciente subtraído ao registro do Simbólico e devolvido ao registro do enigma. Como uma novidade, esta decididamente é.

Poderíamos propor, como programa, as elaborações sucessivas de Lacan tentando pensar a pegada no corpo-substância pelo «isso fala» do inconsciente. Elas não datam do Seminário *Mais ainda*. Podemos seguir precisamente as definições da pulsão, do sintoma e da relação sexual. Da pulsão que faz eco ao dizer da demanda, pela qual “eu falo com meu corpo”, e que diz, ao mesmo tempo, o que “eu” quer e, por conseguinte, o que lhe falta; do sintoma, «acontecimento de corpo» no encontro das palavras com o gozo. Da relação sexual que o palavrório [*parlotte*] convoca incessantemente, mas sem conseguir escrevê-la.

Mais interessante ainda do que seguir os passos sucessivos seria constatar o que se afirma de radicalmente inédito provocado com essa expressão. Ela é solidária de todas as novidades que a rodeiam no texto de *Mais ainda*. Lembro algumas ênfases: o inconsciente que se decifra é «elucubração», hipotético; *lalíngua*, que não é uma estrutura, só passa à linguagem, ao “saber falado”, pela coalescência com algo do gozo, de acordo com as contingências individuais. Daí, logo depois, os acentos colocados sobre o «inconsciente real», encarnado, disjunto do sentido do sujeito, sobre a minoração da verdade e sobre a promoção do *falaser* [*parlêtre*], sem falar do *sinthoma*. Eis, sem dúvida, o que conviria desdobrar e ilustrar clinicamente, não sem tirar as diversas consequências do que se refere, notadamente, aos limites da pretensão de saber, a possibilidade da transmissão, ao passe à análise finita e ao analista por ela requerido.

Colette Soler, 28 de fevereiro de 2009.

Tradução: Dominique Fingerhann, Rosanne Grippi e Olympio Xavier

² Jacques Lacan, «Do *Trieb* de Freud e do desejo do psicanalista», in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 867.

³ Jacques Lacan, «O Aturdito», p. 455 e 460.

⁴ Jacques Lacan, *Mais ainda* - Seminário 20, última frase de 15 maio de 1973.